

## O GALEGO E OS DIALETOS TRANSMONTANO E ALTO-MINHOTO: FONÉTICA SEMELHANTE, UNIDADES LINGUÍSTICAS DISTINTAS

**Camilla da Silva Mendes<sup>1</sup>**  
**Nathalia Reis de Medeiros<sup>2</sup>**  
**Thiago Soares de Oliveira<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens do Instituto Federal Fluminense, a partir do projeto intitulado "O Português Histórico e sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa". A princípio, parte-se do fato de que a fronteira galego-portuguesa, além de separar territorialmente Portugal da Comunidade Autónoma da Galiza, serve como limite entre os blocos dialetais setentrionais portugueses e o galego, que possui raízes linguísticas suficientemente fortes para influenciar uma língua nacional como o português, já que tanto um quanto outro já foram uma unidade linguística primitiva: o galego-português. Isso faz com que os dialetos alto-minhoto e transmuntano, falados no extremo norte de Portugal, fronteira com a Espanha, sejam foneticamente influenciados pelo galego, motivo pelo qual este artigo pretende explorar as semelhanças entre o galego e tais dialetos do português europeu, considerando aspectos linguísticos e geográficos. Com base na pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e na comparação entre as características dos dialetos transmuntano e alto-minhoto e do galego, pôde-se perceber, ao fim, que há indícios suficientes capazes de respaldar a hipótese de influência do galego sobre os dialetos portugueses com que faz fronteira, especialmente os relacionados ao conservadorismo linguístico.

**Palavras-chave:** História da Língua Portuguesa, influências dialetais, fonética histórica.

### THE GALICIAN AND TRANSMONTANO AND HIGH-MINHOTO DIALECTS: SIMILAR PHONETICS, DIFFERENT LANGUAGE UNITS

**ABSTRACT:** This paper is the result of research conducted at the Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens of Instituto Federal Fluminense, from the project entitled "The Portuguese history and its applicability in explaining phonetic phenomena of the Portuguese language." The principle of it is the fact that the Galician-Portuguese border, in addition to separate territorially Portugal Autonomous Community of Galicia, serves as a boundary between the Portuguese northern dialectal blocks and Galician, which has strong enough linguistic roots to influence a language national and the Portuguese, as both one and the other have been a primitive linguistic unity: Galician-Portuguese. This makes the alto-minhoto and

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante da pesquisa "O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa", registrado no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL) do Instituto Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante da pesquisa "O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa", registrado no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL) do Instituto Federal Fluminense.

<sup>3</sup> Doutorando e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor da Licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense e Coordenador da pesquisa "O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa", registrado no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL). E-mail: so.thiago@hotmail.com.

transmontano dialects spoken in the far north of Portugal, border with Spain, are phonetically influenced by the Galician, which is why this article aims to explore the similarities between the Galician and such dialects of European Portuguese, considering linguistic and geographical aspects. Based on the literature of exploratory and compare the characteristics of transmontano and alto-minhoto dialects and Galician, it could be seen, at the end, that there is sufficient evidence capable of supporting the hypothesis of influence of the Galician on the Portuguese dialects that borders, especially those related to linguistic conservatism.

**Keywords:** History of the Portuguese Language, dialectal influences, historical phonetics.

## **Introdução**

As relações entre o transmontano e o alto-minhoto, dialetos localizados em situação fronteira com a região da Galiza e falados no extremo norte de Portugal, são bastante imbricadas não apenas devido aos limites territoriais, mas também por causa do frequente contato linguístico, o que demanda a tessitura de uma pesquisa específica capaz de considerar simultaneamente aspectos geográficos e linguísticos.

Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo principal explorar as semelhanças linguísticas existentes entre dois dialetos setentrionais portugueses (transmontano e alto-minhoto) que se avizinham e o galego, levando em consideração a posição geográfica do território ocupado pelos falantes de tais dialetos. Justifica-se este trabalho devido ao escasso número de publicações e estudos recentes no país, tanto em periódicos especializados quanto em dissertações e teses universitárias, a respeito das influências linguísticas ocorridas no português europeu.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico, dada a necessidade da busca de dados em fontes competentes com o intuito de que seja possível a comparação no nível fonético entre os dialetos selecionados, e exploratório, considerando que o tema é pouco investigado, o que pressupõe a necessidade de uma investigação teórica. A fim de dar corpo à pesquisa, adotam-se como as bases conceituais as pesquisas dialetológicas propostas por estudiosos tais como Vasconcelos (1982), Cintra (1971), Rodríguez (1996), Teyssier (1982), entre outros.

Por fim, é preciso ressaltar que a intenção exploratória deste trabalho não pretende esgotar o assunto, mas produzir conhecimento para o entendimento da influência linguística, visto que é perceptível a deficiência de estudos que possam explicar o motivo pelo qual os dialetos setentrionais são linguisticamente peculiares se comparados, por exemplo, aos centro-meridionais, ainda que com estes também estabeleçam relação fronteira.

## 1 Breves considerações históricas

### 1.1 Da unidade à divisão: um breve histórico do galego-português

Os estudos da evolução do latim ao português moderno apontam que o galego e o português têm a mesma origem, já que "na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservava relativa homogeneidade até meados do século XIV – o galego-português" (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 18). Até então, o galego e o português não se distinguiam, ou seja, tratava-se de uma única língua considerada como a forma tomada pelo latim ao noroeste da Península Ibérica (TEYSSIER, 1982). Segundo Cunha e Cintra (2008), os primeiros documentos redigidos em português datam do século XIII, ainda sem apresentar uma completa distinção do galego.

O galego-português, unidade linguística a que se referem Cunha e Cintra (2008), surgiu no século IX, podendo ser comprovado através de palavras recolhidas em textos de latim bárbaro<sup>4</sup>. Tal unidade dividiu-se no século XV, de forma que o português seguiu como língua nacional, enquanto a língua galega se manteve estática e sem cultivo literário por vários séculos devido à imposição política da língua oficial da Espanha, que era e ainda é o castelhano<sup>5</sup> (RODRÍGUEZ, 1996). Entretanto, o galego permaneceu oralizado nas zonas rurais aonde a língua oficial não conseguia chegar. Um dos motivos para a evolução do português e de sua separação da língua galega foi a existência de uma monarquia portuguesa que impulsionou a disseminação da língua lusitana pelo território.

De forma mais detalhada, a corte portuguesa nasceu em decorrência da reconquista cristã, que vai lentamente expulsando os mouros para o sul, dando origem, no século XII, ao reino independente de Portugal (TEYSSIER, 1982). Analisando historicamente, percebe-se que o galego ainda exerce influência linguística sobre o português, principalmente se considerado o sentido vertical em que ocorreu a expansão, ou seja, da Galiza para Portugal, o que fortalece a hipótese de que o galego é capaz de influenciar o português até os dias atuais. Outro indício de tal influência encontra-se no fato de que os dialetos portugueses transmontano e alto-minhoto, juntamente com o galego, localizam-se onde nasceu o galego-português, mais

---

<sup>4</sup>O latim bárbaro, para Cunha e Cintra (2008), estava contido em documentos forenses da Idade Média, valendo-se de vocábulos do romance regional.

<sup>5</sup>O autogoverno da Galiza estabeleceu em 1980 que o galego seria um idioma cooficial, em "pé de igualdade" com o castelhano, proclamando este como "língua própria" da comunidade (MONTEAGUDO, 2012).

precisamente no vale do Vouga, entre o Douro e o Mondego, como aborda Teyssier (1982).

Dessa forma, o distanciamento entre o galego e o português deu-se principalmente por questões políticas, sendo importante ressaltar que a linguagem manejada pela corte portuguesa era rebuscada e não chegava às classes mais baixas, diferentemente do galego que, após a imposição da língua castelhana na Galiza, refugiou-se nas zonas rurais (RODRÍGUEZ, 1996).

## 1.2 Os dialetos fronteiriços: o transmontano e o alto-minhoto

O dialeto transmontano, falado na região portuguesa de Trás-os-Montes, recebeu tal nome pelos povos do Minho, pois se encontra atrás de vários montes, incluindo o Gêres e o Cabreira. Localizada na parte setentrional de Portugal, essa região tem como características o isolamento geográfico e a utilização de arcaísmos<sup>6</sup> que resistem tenazmente às influências da vida moderna, sendo possível dizer que o dialeto transmontano é uma evolução própria do latim vulgar lusitano.

Uma importante observação acerca da região transmontana é que, em se tratando de linguagem, é possível destacá-la perante os outros dialetos devido ao fato de nessa região serem falados outros três idiomas, quais sejam: o mirandês, falado na Terra de Miranda, o quadramilês e riodonorês, falado no Conselho de Bragança (VASCONCELOS, 1892).

O povo dessa região reconhece que a sua linguagem é diferente da do restante do país e acentua essa diferença chamando-a de "fala chacota", que se opõe ao restante de Portugal onde é utilizada a "fala grave". Isso porque chacota, em tempos anteriores, era uma cantiga entoada nessa região por Gil Vicente, atingindo facilmente a linguagem popular da época, marcando, assim, esse lugar (VASCONCELOS, 1892). Com isso, Trás-os-Montes define sua originalidade no território português, o que o aproxima do galego, língua medieval, marcada por antigos costumes que se negam a adaptar à modernidade resultado da evolução temporal.

Já o dialeto alto-minhoto assemelha-se em muitos aspectos ao dialeto transmontano, tanto que ambas as regiões foram delimitadas como áreas raianas, com características ímpares quando comparadas ao restante de Portugal, sendo o idioma ali manejado considerado até mesmo bárbaro, pouco parecido com o português que era falado no restante do país. O alto-minhoto ainda era falado apenas pelos rústicos que habitavam a região do Minho (D'ARGOT, 1725).

---

<sup>6</sup>Segundo Cardoso e Cunha (1978, p. 193), "arcaísmos são palavras, expressões, formas e tipos de construção sintática que não são mais correntes em determinada fase da língua".

Dessa forma, percebe-se que ambos os dialetos possuem diversas particularidades por compartilharem influências não com o seu país, mas sim com o país vizinho, que é marcado pela ausência de modernidade, fato este que faz com que, em Portugal, haja uma região de costumes linguísticos arcaicos, aproximados do antigo galego-português.

### 1.3 Alguns pontos de vista acerca da influência dialetal galega

A respeito da influência exercida pelo galego sobre os dialetos transmontano e alto-minhoto, há pontos de vista que, às vezes, diferem-se e, outras vezes, complementam-se. Serão abordados a seguir os pontos de vista de três historiadores, sendo eles: Esperança Cardeira (2009), Rui Dias Guimarães (2010) e Luís Felipe Lindley Cintra (1971).

Segundo Cardeira (2009) em sua obra *A pronúncia do português*, a pronúncia padrão dispõe de traços que não se aplicam à região transmontana e do alto-minhoto, citando, à guisa de exemplo, as consoantes dentais [s] e [z] que soam como [ts] e [dz], fenômenos que não ocorrem nos dialetos mencionados, uma vez que estes distinguem as apicais das dentais, o que se justifica devido à diferente evolução que tal área sofreu.

Devido às várias semelhanças entre o transmontano e o alto-minhoto, sendo as principais destas fonológicas, que seria o caso da simplificação das dentais, Cardeira (2009) passa a mencioná-los como um único dialeto, sob a denominação de "dialeto transmontano-alto-minhoto". Nesse momento, observa-se que a autora considera fortes as semelhanças entre eles, ao ponto de atribuir-lhes uma unidade linguística que se distancia dos demais dialetos portugueses graças a diferenças que são devidas à evolução não uniforme entre as diversas regiões lusitanas.

Guimarães (2010), por sua vez, introduz uma visão um pouco mais audaciosa em sua obra intitulada *Oralidade multissecular do dialeto Barrosão e a construção da identidade local e nacional: estudo fonético-fonológico e lexical*. Nesse estudo, o autor aponta os dialetos do extremo norte, entre eles o transmontano e o alto-minhoto, ressaltando a existência, no extremo sul destes, do dialeto Barrosão, denominação dada ao galego. O autor delimita a área Barrosão a uma sub-região do Alto Trás-os-Montes, constituída por dois municípios, e que se limita ao norte de Galiza, ou seja, o dialeto Barrosão é uma restrição que há dentro dos dialetos transmontano e alto-minhoto e a fronteira com Galiza, onde se podem observar particularidades da oralidade, como por exemplo a ditongação com as vogais centrais [u] e [o] que se suavizam e por isso acabam tendo o som abafado.

Já Cintra (1971) destaca em sua obra *Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses* que o dialeto alto-minhoto seria uma espécie de subdialeto que integra o dialeto inteiramente, falado na antiga província localizada entre Douro e Minho, enquanto o dialeto transmontano seria falado na província de Trás-os-Montes, com exceção dos lugares onde se falava mirandês, o riodonorês e o quadramilês. Cintra, portanto, nesse trabalho, busca propor uma nova classificação dos dialetos, desta vez não usando como base a localização, e sim a fonética falada em cada região, o que faz o levar em consideração até mesmo o galego que não é falado dentro do país.

Tal autor divide os blocos dialetais da faixa galego-portuguesa em três: dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais. Os dialetos setentrionais simbolizam os estados que ficam ao norte do país, onde a fala afasta-se um pouco do padrão, representada esta pelos dialetos centro-meridionais, os quais simbolizam os estados mais ao sul. O dialeto setentrional se afasta da linguagem considerada modelar em Portugal por fazer a troca da letra "b" pela letra "v", assim como a pronúncia da letra "x" nos locais onde cabem o som da letra "s", o som da letra "t" antes do dígrafo "ch", entre outras características.

Com base nos três autores citados, é possível observar que, apesar dos pontos de vista não serem iguais, todos concordam que os dialetos transmontano e alto-minhoto possuem características peculiares perante os demais e que isso se deve à influência recebida não de seu país de origem, e sim daquele com o qual divide fronteira: a Espanha, especificamente a região da Galiza, marcada pelo conservadorismo linguístico. É preciso ressaltar, por fim, que tal área é pouco explorada e, devido a isso, é difícil acessar determinados dados de pesquisa.

## **2 Questões dialetais: as influências do galego sobre o transmontano e alto-minhoto**

### **2.1 A divisão dos blocos dialetais**

No que se refere à definição de dialeto, Bechara (2015, p. 52) afirma que "uma língua histórica como o português, está constituída de várias 'línguas' mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata do português". Em outras palavras, entende-se que dialeto consiste em uma língua que comporta várias outras línguas dentro de si sob a influência dos meios políticos e culturais.

Partindo desse ponto de vista e da proposta de Cintra (1971) para a classificação dos dialetos galego-portugueses, considera-se, neste trabalho, o galego como um dialeto que

coexiste \_em menor uso\_ com o castelhano, primeira língua oficial da Espanha e, a partir disso, far-se-ão comparações com os dois dialetos setentrionais transmontano e alto-minhoto.

O galego é a língua natural da Comunidade Autónoma da Galiza, porém, a partir de 1971, foi relegada à condição de dialeto por teóricos como Cintra (1971), o qual criou a *Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses*, tendo como diferencial das outras propostas, como a de Cuesta e Luz (1961), o galego como um dialeto.

A nova proposta que vou passar a apresentar afasta-se das anteriores, conforme logo de início anunciei, por admitir como necessária uma consciente e voluntária tentativa de simplificação, assente numa selecção prévia e numa hierarquização de um número relativamente pouco elevado de traços fonéticos entre os muitos de que nos podemos servir para caracterizar os dialectos ou falares portugueses. Creio que só assim se pode evitar a imagem confusa que, muito contra as expressas e louváveis intenções dos seus autores, me parece resultar da consideração de um número excessivamente elevado de características, insuficientemente joeiradas e classificadas, no Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (CINTRA, 1971, p. 7).

De acordo com Cintra (1971), a criação da nova proposta era algo necessário para fins de simplificação da divisão dialetal, chegando a considerar confusa a proposta de outros autores, uma vez que os eles não consideravam o galego como um dialeto, o que dificultava entender o porquê de os dialetos setentrionais conterem traços fonéticos de outra unidade linguística que não era o português. A partir disso, a nova divisão, que inclui de forma original o galego como um dialeto, é considerada até hoje a mais moderna por teóricos como Fernandes (2008), Debowski (2008) e outros que se dedicam aos estudos dialetológicos.

A proposta de Cintra (1971) consiste na divisão do território, que compreende Portugal e Galiza, em blocos dialetais. Essa divisão é expressa pelo Mapa 1, que segue:



Fonte: Instituto Camões (2006) – Mapa dos dialetos portugueses

O Mapa 1, que expõe com clareza a proposta de Cintra (1971), encontra-se dividido em três blocos dialetais, marcando também o território onde é praticada a chamada língua mirandesa<sup>7</sup>. Fernandes (2008) aborda que, para tal classificação dos dialetos, Cintra (1971) utilizou o sistema de sibilantes como característica principal para traçar fronteiras entre os blocos dialetais, uma vez que observou que havia certa diferença no uso da sibilante “s” em cada uma das regiões que, mais tarde, vieram a ser classificadas pelo mesmo teórico.

Com efeito, segundo Cintra (1971), é possível diferenciar facilmente o falar de um homem do norte, que resida na área dos dialetos setentrionais, em comparação com o falar de um homem do sul, que resida na área dos dialetos centro-meridionais. Já em relação ao galego, Cintra (1971) aponta que ambas as áreas dialetais (setentrionais e centro-meridionais) distinguem-se perfeitamente do falar galego, uma vez que há grande conservadorismo linguístico por parte deste último dialeto o que, devido à questão geográfica, acaba por influenciar outros dialetos mais próximos, isto é, os dialetos transmontano e alto-minhoto.

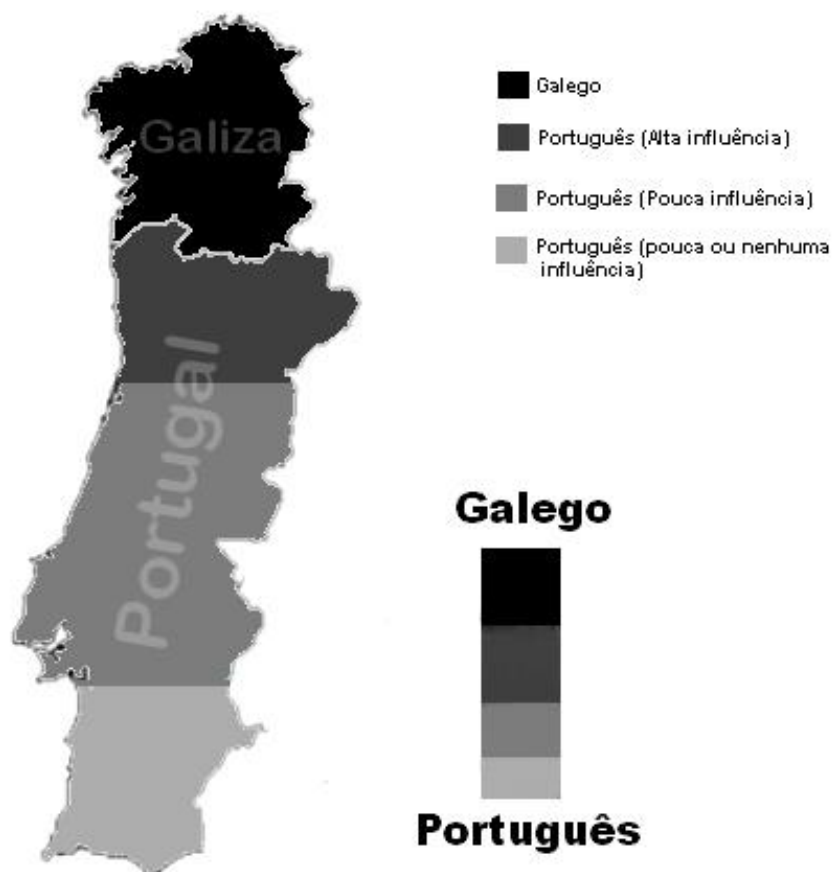
<sup>7</sup>De acordo com o Instituto Camões, a Língua mirandesa é a segunda língua oficial de Portugal.



## 2.2 As influências linguísticas

A região fronteira entre a Galiza e as províncias de Minho e Trás-os-Montes possui muitos aspectos fonéticos em comum. Como já foi abordado, tal fenômeno ocorre principalmente devido à posição geográfica, ou seja, por ambas as regiões se localizarem no vale do Vouga, entre o Douro e o Mondego, onde nasceu o idioma primitivo galego-português (TEYSSIER, 1982). Considerando tal informação, por analogia, entende-se que, devido ao sentido da expansão, o galego tende a influenciar o português, principalmente os dialetos setentrionais, com base na divisão de Cintra, proposta em 1971. O Mapa 2 ilustra como se dá essa influência:

### Influência fonética do Galego no Português



Fonte: dados da pesquisa

O Mapa 2 acima, cujos dados são oriundos de comparações que visavam a detectar semelhanças e diferenças entre os aspectos linguísticos encontrados durante a pesquisa, tem o

intuito de representar os locais que recebem maior ou menor influência do galego. Ao analisá-lo de forma mais detalhada, é possível perceber pelos vários tons de cinza que, quanto mais distante da Galiza encontra-se o dialeto falado na região portuguesa, menor é a influência do galego sobre ele. De modo contrário, em relação aos dialetos falados em regiões próximas à Galiza, percebe-se uma alta influência em termos fonéticos, influência esta que se deve ao fator histórico segundo o qual o português foi avançando para o sul do mapa, distanciando-se cada vez mais do seu local de origem, onde nasceu o primitivo galego-português. Entretanto, é de suma importância atentar para o fato de que as diferenças entre os falares do norte e os do sul da Península Ibérica não se restringem somente à região fronteira entre Galiza e Portugal, como aborda Teyssier (1982):

Na região meridional, o domínio muçulmano deixara subsistir uma importante população cristã de língua românica: os cristãos chamados moçárabes, palavra derivada de um particípio árabe que significa “submetido aos árabes”. Conhece-se pouco desses falares hispanoromânicos, mas o suficiente para compreender que formavam, em toda a parte meridional da Península, uma cadeia contínua de dialetos bastante diferentes daqueles que, falados no Norte, serão mais tarde o galego-português, o castelhano e o catalão (TEYSSIER, 1982, p. 8).

Nota-se, então, que há grande diferença entre os falares do norte e do sul, algo que se deve às lutas políticas da época de conquista territorial. Trata-se de um fator histórico e que se estende por toda a Península Ibérica, uma vez que as três línguas faladas na Península na época – o galego-português, o castelhano e o catalão – tiveram seu berço ao norte do território, avançando para o sul com os colonizadores, e é devido a esse fato que são constatadas variações entre os falares do norte e do sul de toda a Península Ibérica.

Vale ressaltar que o dialeto algarvio, localizado no extremo sul de Portugal, comporta-se como uma exceção, como apresenta Fernandes (2008). Tal dialeto teve origem no romance galego-português, porém foi transplantado do Vale do Vouga, ao norte, para o sul pelos colonizadores e, mesmo fazendo parte do bloco dialetal centro-meridional, com base na proposta de Cintra (1971), possui traços fonéticos e gramaticais que comprovam sua ligação com a região onde se originou. Fernandes (2008) exemplifica essa exceção com o caso de *raiva* > *raiva*, no qual, de acordo com Coutinho (1974), ocorre o processo de metátese<sup>8</sup> da vogal “i”. Tal metaplasmo<sup>9</sup>, que também ocorre nos dialetos transmontano, alto-minhoto e galego,

<sup>8</sup> Metátese, de acordo com Coutinho (1974), é a transposição de um fonema dentro de uma mesma sílaba.

<sup>9</sup> Metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução (COUTINHO, 1974).

constata que o dialeto algarvio carregou consigo traços de sua origem.

A rigor, o galego possui grande influência sobre os dialetos transmontano e alto-minhoto devido à sua localização ser onde se desenvolveu a língua primitiva, ou seja, o galego-português. Embora esse romance<sup>10</sup> não mais exista, deixou sua essência conservadora sobre o galego, que, por sua vez, influencia os dialetos ao redor. A seguir, é possível observar no Quadro 1 as influências do galego, as quais não foram capazes de chegar ao restante de Portugal devido principalmente à localidade geográfica, sobre os dialetos transmontano e alto-minhoto:

<b>Características</b>	<b>Troca de “V” por “B”</b>	<b>Conservação do “Tch”</b>	<b>Monotongação nos ditongos [ow] e [ei]</b>	<b>Presença de metátese</b>
Galego	X	X		X
Transmontano	X	X		X
Alto-minhoto	X	X		X
Centro-meridional			X	

Quadro 1: Marcas de influência dialetal

Fonte: dados da pesquisa

A) Troca do "v" pelo "b", chamada de betacismo<sup>11</sup> por Debowiak (2008), é um processo de permuta de fonemas, assim como ocorre em vento > bento; cavalo > cabalo; governo > governo. Esse corte linguístico é um aspecto comum entre o galego e os dialetos transmontano e alto-minhoto. Aliás, consoante a Real Academia Galega (2012), o "b" e o "v" representam um som único. O galego não tem um som labiodental fricativo [v], distinto de [b] e [B], como têm o francês ou o português. O que ocorre é que, no latim vulgar e, mais tarde, nas línguas românicas em formação, a pronúncia do [b] sofreu uma suavização e passou a ser pronunciada como uma consoante fricativa bilabial sonora [β], ao passo que o [w] ficou mais forte também na maior parte das posições.

B) A conservação do 'tch' no galego, no transmontano e no alto-minhoto é outra marca que se repete em tais dialetos. As palavras que começam com o dígrafo /ch/ possuem uma pronúncia peculiar vinda do galego-português. Em galego, o dígrafo "ch" é pronunciado como [tʃ], que inclui o fonema palatal /t/ semelhante a pronúncia de "tia" em português brasileiro. Essa

<sup>10</sup>Romance era a denominação das modificações regionais do latim, as quais deram origem às línguas românicas.

<sup>11</sup>Alguns autores atribuem a esse processo o nome de bilabiação como é o caso de Othero (2003).

conservação é comum nesses dialetos setentrionais devido à proximidade geográfica, como visto no Mapa 2. Nos dialetos centro-meridionais, não é possível encontrar, via de regra, palavras com esta mesma pronúncia (DEBOWIAK, 2008). Vide, pois, o Quadro 2, que demonstra a pronúncia diferenciada da palavra "chave":

Pronúncia da palavra "chave"	
Galego	<i>tfave</i>
Setentrional	<i>tfave</i>
Centro-meridional	<i>fave</i>

Quadro 2: Exemplo de pronúncia  
Fonte: dados da pesquisa

Como se pode observar no quadro acima, a palavra "chave" permite duas pronúncias dentro de Portugal: a primeira manifesta-se com um som mais assobiado e forte, sendo seria praticada na região de Galiza e, por consequência, influencia a região setentrional vizinha, que abrange os dialetos objeto de estudo nesta pesquisa. Porém, esse mesmo fenômeno não é observado na região centro-meridional, que, por sua vez, recebe pouca ou nenhuma influência do galego.

C) A monotongação, considerado metaplasmo por permuta, é um fenômeno linguístico marcado pela redução da semivogal de um ditongo, tal como ocorre em dinheiro > dinhêro, azeite > azête, largou > largô. A explicação para tal processo está na sua fundamentação histórica, que marca os processos evolutivos do fenômeno, desde a passagem do latim ao português. Ocorre, comumente, nos falares centro-meridionais, ao contrário dos setentrionais, que conservam a ditongação<sup>12</sup>, ou melhor, o uso vocálico mais alargado, aspecto linguístico marcante na língua medieval - galego-português. Eis, então, uma marca de conservadorismo linguístico.

D) A metátese, processo linguístico que envolve uma inversão na ordem de alguns fonemas, é um metaplasmo que consiste na transposição de fonemas em uma mesma sílaba ou entre sílabas, segundo Coutinho (1974). Essa figura de dicção, para utilizar uma nomenclatura de Almeida (2005), é recorrente no galego e nos dialetos transmontano e alto-minhoto, mas não nos centro-meridionais. A título de exemplo, a Real Academia Galega (2012), ao expor as normas ortográficas e morfológicas do dialeto da Galiza, aponta que "preguntar" é a forma mais

<sup>12</sup> Ditongação é a transformação de um monotongo em um ditongo, o que pode se confundir com a oclusão, que é a transformação de um hiato em um ditongo (OTHERO, 2003).

documentada na Idade Média e majoritária no galego moderno, correspondendo ao étimo "praecunctare". Assim como a palavra "preguntar", há na língua galega e nos dialetos abordados, outros exemplos do fenômeno, como dormir > drumi e dentro > drento. Uma observação a ser feita é que geralmente esse processo acontece com o fonema /r/.

Como base na ilustração do quadro e as explicações tecidas, é possível observar que as características presentes da região de Galiza foram passadas às demais regiões fronteiriças, sendo elas Trás-os-Montes e Alto-Minhoto, não ocorrendo o mesmo com as regiões do restante do país. Uma ressalva deve ser feita de que as características passadas a diante pelo galego são consideradas arcaicas e até mesmo rústicas perante os demais dialetos.

## Conclusão

Com base na evolução do latim ao português moderno, é possível determinar que o galego e o português têm a mesma origem, ou seja, ambos foram uma só unidade linguística denominada galego-português. Tal unidade, que é considerada a forma a qual tomou o latim a oeste da Península Ibérica, teve origem na região do Vale do Vouga, fronteira entre Galiza e Portugal, e, séculos mais tarde, dividiu-se, surgindo, no mesmo local, o galego e os dialetos portugueses transmontano e alto-minhoto.

Um dos principais fatores para a semelhança entre o galego e os dois dialetos já citados deve-se à questão geográfica, como já explicado. Entretanto, acredita-se também na influência do galego sobre os dialetos transmontano e alto-minhoto, uma vez que, a considerar o sentido da expansão e da divisão entre galego e o português, que ocorreu do norte para o sul, percebe-se que o dialeto galego, sob influência da língua primitiva galego-português, é capaz de influenciar outros falares ao seu redor. São constatadas, inclusive, características em comum, principalmente com os dialetos portugueses setentrionais transmontano e alto-minhoto. Tais características linguísticas mostram o forte conservadorismo herdado da língua primitiva, tratando-se não só de uma questão histórica, mas também geográfica, visto que o galego, o transmontano e o alto-minhoto localizam-se no mesmo território onde nasceu o galego-português.

Desse modo, os dialetos centro-meridionais possuem aspectos fonéticos diferentes dos encontrados na região norte de Portugal, uma vez que sua localização não permite um contato direto com a Galiza, onde manifestam-se características consideradas distintas perante o restante do país. Seria como se os dialetos centro-meridionais representassem o português

padrão de Portugal, enquanto os setentrionais manifestassem outro português, mais aproximado a outro país, no caso o vizinho.

Por fim, apesar de tal assunto ser pouco explorado e, por consequência, difícil de ser pesquisado, alguns dados ficaram evidentes, sendo estes: a influência não mútua que o galego exerce sobre os dialetos que com ele partilham região de fronteira e as características arcaizantes e rústicas advindas da região da Galiza, que mantém traços do antigo galego-português.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BECHARA, E. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 38ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

CARDEIRA, E. *A pronúncia do português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

CARDOSO, W.; CUNHA, C. *Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CINTRA, L. F. L. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, v. 22, p. 81-116, 1971.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. *Gramática Portuguesa*. Vol. 9. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica, 1961.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

D'ARGOT, J. C. Quarta Parte de Grammatica Portugueza. Cap. I. Dos Dialectos da Língua Portugeza. In: *Regras da Língua Portugeza: Espelho da Língua Latina*. Lisboa: Officina da Música, 1725.

DEBOWIAK, P. Nota sobre os dialectos de Portugal. *Romanica Cracoviensia Jagiellonian University Press*, Universidade Jagellónica de Cracóvia, 08/ 2008, p. 21-28, 2008. Disponível em: <http://www.wuj.pl/UserFiles/File/Romanica%20Cracoviensia%202008/3-RC-8-Debowskiak.pdf>. Acesso em: 01/10/2016.

FERNANDES, Maria Alice. O dialeto algarvio: abordagem histórica. In: *I Encontro As Tradições Oraís no Algarve*. Algarve, Campo Arqueológico de Tavira, p. 1-26, 2008.

Disponível em: <http://geohistorica.net/arkeotavira.com//Estudos/dialecto-algarvio-net.pdf>. Acesso em: 05/09/2016.

GUIMARÃES, R. D. *Oralidade multissecular do dialeto barrosão e a construção da identidade local e nacional*: Estudo fonético-fonológico e lexical. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras (CEL), 2010.

INSTITUTO CAMÕES - Instituto da Cooperação e da Língua Portuguesa. 2006. Uma língua e sua variação. Disponível em: [http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo1\\_1.html](http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo1_1.html). Acesso em: 02/09/2016.

MONTEAGUDO, H. A Galiza e o espaço linguístico-cultural de expressão portuguesa. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., e RIBEIRO, S. (orgs.). *Rosae*: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-06.pdf>. Acesso em: 06/09/2016.

OTHERO, G. de A. Estudos da história da língua portuguesa. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/hIST%C3%93RIA\\_DA\\_L%C3%8DNGUA\\_POR\\_TUGUESA.pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/hIST%C3%93RIA_DA_L%C3%8DNGUA_POR_TUGUESA.pdf). Acesso em: 22/10/2016.

REAL ACADEMIA GALEGA. *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*. Instituto da Língua Galega, 23<sup>a</sup> ed., 2012. Disponível em: <http://academia.gal/documents/10157/704901/Normas+ortogr%C3%A1ficas+e+morfol%C3%B3gicas+do+idioma+galego.pdf>. Acesso em: 15/10/16.

RODRÍGUEZ, A. M. Galego e português modernos: um estudo comparativo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 30-37, 1996. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(6\)30-37.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(6)30-37.html). Acesso em: 14/09/2016

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Paris: Martins Fontes, 1982. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/158086/mod\\_resource/content/1/TEYSSIER\\_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf). Acesso em: 19/10/2016.

VASCONCELOS, J. L. de. *Revista Lusitana - Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*. Vol II, p. 1-384. Porto: Livraria Portuense, 1892.

---

Recebido em: 02-02-17

Aceito em: 03-03-17